

A CRISE CONTEMPORÂNEA NA CONSCIÊNCIA DA CIDADE E AS RUAS PERNAMBUCO E PADRE EUSTÁQUIO*

Flávia Nacif da Costa**

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como propósito promover uma breve investigação sobre as origens da crise contemporânea no que se refere à cidade e ao urbano, fenômeno ocorrido mundialmente, as correlações de tal crise com a cidade de Belo Horizonte e as implicações de tal análise sobre o objeto de estudo específico, quais sejam as ruas Pernambuco e Padre Eustáquio.

Para tanto, abordaremos os conceitos relativos à origem da cidade e à metrópole contemporânea, além da contextualização das ruas anteriormente citadas na atual BH.

Apresentados os fatos, discutiremos as possíveis intervenções nessas ruas considerando a complexidade e a mutabilidade do espaço em que vivemos.

A CRISE E A CIDADE

Quando pensamos na atual condição de nossas cidades, somos levados a buscar, como ponto de partida da "problemática urbana", o processo de industrialização que se instaurou na sociedade moderna (Lefébvre, 1969). Podemos reconhecer esse processo como um dos principais causadores "dos problemas relativos ao crescimento e à planificação, as questões referentes à cidade e ao

* Trabalho desenvolvido para a disciplina A Cidade e a Reestruturação Mundial Contemporânea, ministrada pelos professores Roberto Luís Monte-Mór e Heloísa S.M. Costa, no Curso de Especialização "Arquitetura Contemporânea — Projeto e Crítica" do IEC/PUC Minas de 1999.

** Arquiteta formada pela Escola de Arquitetura da UFMG (1966), Especialista em Arquitetura Contemporânea pelo IEC (1999), mestranda na Escola de Arquitetura da UFMG.

desenvolvimento da realidade urbana (...)"'. (Lefèbvre, Henri, *O direito à cidade*, 1969, p.9)

De fato, existe um processo duplo que liga a industrialização à urbanização, pelo menos num primeiro momento, posto que o número de indústrias nascentes nas cidades pressupôs a mobilização de grande força produtiva vinda do campo. Muitas vezes o que vimos, porém, foi o desenvolvimento descontrolado do desenho, dos espaços e da infra-estrutura urbana da cidade. Expandiu-se em torno dela um grande tecido urbano e os dois passaram a se confundir. Nesse ponto, a orientação do crescimento e do desenvolvimento da mesma direcionou-se efetivamente aos produtos, caracterizando o predomínio do valor de troca sobre o valor de uso (*Idem*, p. 10).

Mas é preciso lembrar que as cidades preexistem à industrialização, tendo surgido quando da produção estável de excedente no campo, e se definem, ainda segundo Lefèbvre (1969), como "(...) centros de vida social e política onde se acumulam não apenas as riquezas como também os conhecimentos, as técnicas e as obras (obras de arte, monumentos). (...) O uso principal da cidade, isto é, das ruas e das praças, dos edifícios e dos monumentos, é a Festa (...)” (*Ibid*, p.9 e 10).

E o que podemos dizer sobre a metrópole contemporânea?

Assim se entrevê, através dos problemas distintos e do conjunto problemático, a crise da cidade. Crise teórica e prática. Na teoria, o conceito da cidade (da realidade urbana) compõe-se de fatos, de representações e de imagens emprestadas à cidade antiga (pré-industrial, pré-capitalista) mas em curso de transformação e de nova elaboração. Na prática, o núcleo urbano (parte essencial da imagem e do conceito da cidade) está rachando, e no entanto consegue se manter; transbordando, freqüentemente deteriorado, às vezes apodrecendo, o núcleo urbano não desaparece (...). (*Ibid*, p.18)

O que se vê é um contínuo processo de destruição e construção, a constante rearticulação dos espaços, novas adaptações de uma sociedade que é mais mutante que nunca.

Aqui não cabe mais a ilusão de que alcançaremos a terra prometida, a evolução saudável e justa de todos os lugares, a solução dos problemas urbanos que temos enfrentado. Dessa forma, a crise contemporânea que vivenciamos é reflexo da consciência que adquirimos de que é permanente a transformação de nossa cidade, e de que ela é irremediavelmente fragmentada, caótica e complexa. Ainda, que não temos controle absoluto sobre ela. Não há mais lugar para a estabilidade, não há mais como negar a realidade de que “chegar lá e não ficar,

é o que caracteriza a área metropolitana. Se chegar a algum lugar é tão importante quanto estar em algum lugar, então a mobilidade afeta nosso sentido de lugar" (Rybczynski, 1996, p.212), e que a "instabilidade, entretanto, parece ser uma condição própria de nossas cidades". (Rybczynski, 1996, p.214)

O que nos resta ainda verificar é que as cidades que foram planejadas ou projetadas também sofreram e sofrem esse mesmo processo, caso que se aplica a Belo Horizonte. Como mostra Santos (1988):

Cidade artificial foi uma expressão bastante usada até o final dos anos 50. Além de Belo Horizonte, Volta Redonda, Goiânia, Londrina, Brasília... Melhor seria considerá-las experiências que casavam filosofia, sociologia e política com a prancheta. Centros urbanos que tentavam apressar o futuro, apresentando-os em sua versão acabada.(...) O que estragava tudo é que a própria situação de transição era tão forte que fazia os modelos ideais só serem puros no papel ou na data de inauguração. Em seguida "melavam", tantos eram os paradoxos e contradições que tinham de conciliar. (...) Apesar de carregarem uma retórica de futuro, puseram bem a nu uma atualidade dramática, tensa. (Santos, 1988, p.42)

CONTEXTUALIZANDO BH E AS RUAS

Sabemos que Belo Horizonte foi planejada por Aarão Reis como a nova capital, em detrimento de Ouro Preto, plano urbanístico esse que classificou a cidade em três zonas: urbana, suburbana e rural.(Freitas, 1996, p.46) Sua intenção era a de direcionar seu adensamento a partir do centro e em direção à periferia, mecanismo que se subverteu devido principalmente à política imposta pelo mercado imobiliário. (Costa, 1994)

Por isso, enquanto a zona urbana abrigava a minoria da população e possuía, desde o princípio, qualidade espacial e infra-estrutura adequada, na zona suburbana o que se via era bem diferente:

Apesar de não ter recebido os mesmos estudos e cuidados concedidos pela Comissão Construtora, a zona suburbana definiu a expansão em ritmo exponencial da cidade, em um crescimento descontrolado totalmente avesso às intenções embelezadoras da zona urbana. (Teixeira, 1999, p.120)

Escolhida para se tornar o centro de consumo requintado de Belo Horizonte, o Bairro da Savassi, onde situa-se a Rua Pernambuco, é um exemplo dentro da zona urbana. A apropriação de seus espaços foi marcada pela vivência estética que concilia necessidades e imagem, e o ar sofisticado mantém-se em grande

parte do bairro. Mas apesar de mantidas essas características, existem dois pontos a serem destacados como diferentes.

O primeiro deles diz respeito às novas possibilidades que se instauraram em todo o mundo e que modificaram muito o uso dos espaços e o convívio das pessoas, como os *shoppings* e a própria Internet, e colocaram "em cheque o conceito tradicional de rua, redefinindo assim as noções de convivência urbana e espaço público." (Costa, 1994, p.70) O segundo considera o enorme potencial de flexibilização desses mesmos espaços, que se faz presente não só na Rua Pernambuco como em toda a área urbana e suburbana de Belo Horizonte. Destacados tais fatores, qualquer alternativa de intervenção sobre esta rua somente se mostrará pertinente se considerarmos tal potencial.

Já a Rua Padre Eustáquio, situada entre os bairros Carlos Prates e Padre Eustáquio, é um exemplo do que ocorreu em toda a periferia da cidade. Privada de infraestrutura adequada e sendo ocupada rápida e desordenadamente, a zona suburbana não se formou segundo os padrões clássicos de harmonia. Descompromissada de uma vivência estética, sua arquitetura reflete todo tipo de experimentação e apropriação, guiada apenas pela adequação às necessidades imediatas. Por isso, aqui podemos constatar, além da flexibilização de usos, a de imagens, e também a existência de um enorme sentimento de vizinhança e apego ao lugar.

A zona suburbana absorve estilos, teorias, técnicas de construção e planos diretores; todos presentes em sua deselegante dissonância urbana. Está nessa zona uma tensão que vem da vontade de reagir, miticamente, contra as regulamentações que são impostas de cima, gerando então uma desordem que jamais será freada pelos mecanismos legais convencionais. Como um efeito colateral do excesso de regulamentações, vêm então as marcas da reação da cidade num gesto imprevisto, num pacto simbólico que escapa à racionalidade dos urbanistas (...). (Teixeira, 1999, p.140)

CONSIDERAÇÕES E INTERVENÇÕES

Após avaliarmos os aspectos gerais concernentes à formação da cidade, os desdobramentos que sua evolução trouxe para a sociedade contemporânea e a contextualização da cidade de BH no papel das ruas Pernambuco e Padre Eustáquio, podemos promover uma análise crítica sobre os referidos objetos.

Como ponto de partida, não consideramos possível ignorar o fato de que as cidades transformam-se diariamente e não mais conservam usos e imagens definitivos.

A contaminação da Rua Pernambuco já se promoveu, o que não significa dizer que é impossível manter em parte seu papel de centro de consumo. O que pretendemos é redefinir a abrangência de sua atuação, como se fosse então proposta uma nova centralidade, pois “a fisionomia “clássica” do Centro só pode ser conservada ao custo da venda de sua alma — uma conservação sempre ilustrada pelo cartão-postal. Poucos aceitam um envelhecimento digno e natural; todos querem que o Centro de Aarão fique bonito, eterna e europeicamente bonito, dono de uma beleza congelada e superficial.” (Teixeira, 1999, p.126)

Portanto, potencializar os vazios existentes nessa rua, vazios aqui entendidos como todo tipo de espaço subutilizado (lotes vagos, estacionamentos, galerias, largos passeios, etc) para que se crie um centro democrático, síntese tanto do refinamento quanto da informalidade do popular, do que se conservou e do que está em plena formação; que possa absorver os conflitos, as particularidades e até mesmo “feiúras e perversidades” da vida urbana.

Por outro lado, a flexibilização dos usos, espaços e imagens já se consolidou há muito na zona suburbana (caso da Rua Padre Eustáquio) como um processo natural. E esse hábito de seus moradores definiu-se como a mais autêntica, intensa e real apropriação de um espaço. Porém, isso não impediu que a Rua Padre Eustáquio se tornasse radicalmente uma via de tráfego intenso, degradada e sem vez para a “rua” enquanto lugar de convívio, além de inadequada à circulação de pedestres. Consideramos aqui uma situação inconciliatória entre veículos e pessoas, o que nos leva a propor uma radical ruptura com sua atual configuração.

Para tanto, potencializaríamos agora a própria vida do bairro, seu único bem não degradado, voltando-o para si mesmo. Assim, os acessos de pedestres seriam transpostos do eixo principal para as ruas laterais, já existentes ou a serem criadas, e para os “quintais” de algumas casas. Trata-se então de aceitar e alimentar a diversidade contida em sua arquitetura, privilegiando o que vem a ser, a um só tempo, o retrato da alma local e da alma do que resta de cidade, em seu sentido original.

Se a zona urbana “foi desenhada para ser a alma da cidade, essa alma com certeza reencarnou na imprevisibilidade da gigantesca zona suburbana que é a Belo Horizonte que nós temos hoje. Ao contrário do que possa parecer, toda a periferia, toda a massa urbana que se multiplicou como jamais imaginaria Aarão, não é mais a parte maldita e ignorável da cidade. Antes uma zona de expansão, agora ela é a cidade.” (Teixeira, 1999, p.121)

CONCLUSÃO

Centros urbanos são, em si mesmos, fontes abertas e inesgotáveis de idéias que saltam de seu simbolismo escancarado e são todos os dias decodificadas, absorvidas e re-elaboradas, nas ruas, nas praças, nos meios de transporte, nos locais de trabalho, em todo canto. (Santos, 1988, p.46)

Para enfrentar a crise vivida pela sociedade contemporânea que, consciente de si mesma e da cidade que criou, busca soluções para os problemas que julga solucionáveis, uma coisa apenas é certeza: não podemos mais negar que a cidade somos nós mesmos, e que somos mutantes.

Devemos então definir novas relações com o espaço que nos cerca e aceitar como parte inerente a ele sua imprevisibilidade, promovendo uma releitura de nossas metrópoles, numa diferente negociação entre o público e o privado, na aceitação da mistura do feio e do belo. Essa atitude revela-se como a chave para as intervenções propostas nas ruas Padre Eustáquio e Pernambuco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. 12.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FREITAS, Jeanne Marie Ferreira. **Perspectivas do planejamento urbano contemporâneo: reflexões a partir do caso de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Instituto de Geo-Ciências da Universidade Federal de Minas Gerais, 1996. (Dissertação, Mestrado em Geografia).
- LEFÈBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Documentos, 1969.
- MOURA, Heloísa S. M. **Habitação e produção do espaço em Belo Horizonte**. In: MONTE-MÓR, Roberto Luís. **Belo Horizonte: espaços e tempos em construção**. Belo Horizonte: CEDEPLAR/PBH, 1994.
- RYBCZYNSKI, Witold. **Vida nas cidades: expectativas urbanas no novo mundo**. Rio de Janeiro, Record, 1996.
- SANTOS, Carlos Nelson P. **A cidade como um jogo de cartas**. São Paulo: Projeto Editores, 1988.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 20.ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- TEIXEIRA, Carlo M. **Em obras: história do vazio em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Cosac & Naify, 1999.